

Percepção do professor relacionada a saúde mental no contexto universitário

Hana Ferreira Ponte

Brasília,
Dezembro de 2019

Hana Ferreira Ponte

Percepção do professor relacionada a saúde mental no contexto universitário

Pesquisa apresentada como uma
atividade programada pela disciplina
Monografia, do curso de graduação em
Psicologia do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília.
Professor – orientador: Leonardo Mello

Brasília

Dezembro de 2019

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo discutir a respeito da percepção do professor relacionada à saúde mental no contexto universitário, em vista do grande aumento de problemas e agravos relacionados à saúde mental nesse mesmo contexto. A universidade atualmente encontra-se como sendo um período de grande estresse, devido a esse espaço ser constituído por diversas cobranças internas e externas. Nesse sentido, é importante problematizar o contexto universitário e as relações existentes nele. A pesquisa foi realizada a partir do método qualitativo e foram executadas entrevistas semiestruturadas com professores de diferentes cursos (psicologia, arquitetura e direito), com a perspectiva de compreender como esses docentes percebem a universidade como contexto favorável ou não ao cuidado da saúde mental, em especial dos estudantes. A análise das informações construídas se fundou na Técnica da Análise de Conteúdo Temática e foram estabelecidas três categorias de análise: Percepção da Universidade no contexto atual, Relação de Poder professor-aluno e Fissuras e resistências: a saúde mental dentro e fora de sala de aula. Através desse trabalho, pôde-se perceber a contradição da universidade como conservadora e inovadora, geradora de conhecimento e ao mesmo tempo impondo memorização, entre outras questões. Nota-se o quanto os aspectos sociais interferem nesse processo e a desresponsabilização que a Universidade apresenta quanto ao aluno. Também foi possível identificar que os professores que foram entrevistados apresentam um posicionamento diferente e que, apesar da falta de iniciativa da Instituição, há ações e medidas de suporte a esses alunos nesta Universidade.

Palavras-chave: saúde mental, universidade, professores.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1 – Universidade..... | 5 |
| Capítulo 2 – Saúde Mental dos estudantes..... | 8 |
| Capítulo 3 - Relações de poder no contexto universitário..... | 12 |
| Capítulo 4 - Método..... | 15 |
| 4.1 Sujeitos e locais..... | 16 |
| 4.2 Instrumentos e procedimentos..... | 17 |
| 4.3 Análise das informações construídas..... | 17 |
| 4.4 Considerações éticas..... | 18 |
| Capítulo 5 – Resultados e discussões..... | 19 |
| 5.1 Categoria 1: Percepção da Universidade no contexto atual..... | 20 |
| 5.2 Categoria 2: Relação de Poder professor-aluno..... | 29 |
| 5.3 Categoria 3: Fissuras e resistências: a saúde mental dentro e fora de sala de aula... | 37 |
| Considerações finais..... | 43 |
| Referências..... | 44 |
| Anexo..... | 48 |
| Anexo A - TCLE..... | 49 |
| Anexo B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada..... | 51 |
| Anexo C – Parecer Consubstanciado do CEP..... | 52 |

Introdução

A inserção no Ensino Superior é um período ambíguo. Por um lado, é um espaço de desenvolvimento do lado pessoal e social, porém pode ser um período de grande stress, devido às cobranças de diferentes níveis que acompanham a vida universitária, como notas, mercado de trabalho, cobranças externas e internas, entre outros (Santos, 2011).

Atualmente, há programas que facilitam o acesso a universidades particulares e públicas. O maior deles é por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que acontece uma vez por ano. Por meio dele, os candidatos têm acesso a bolsa de estudos integrais e parciais em faculdade particular, por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni), os estudantes podem entrar na universidade pública por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU) utilizando a nota do ENEM, obter um Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) destinado a financiar a graduação na Educação Superior de estudantes matriculados em instituições particulares. Apesar desses programas, as universidades continuam com a realização de vestibulares que possibilitam a inserção na instituição de ensino.

Por causa dessa variedade, há uma grande diversidade de pessoas e culturas nessa instituição. Estudantes de outras cidades, variadas rendas e realidades, diferentes culturas familiares e desse modo, a saúde mental de cada um é afetada de diferentes formas.

O estudo sobre a saúde mental do estudante universitário é um campo de pesquisa há mais de 60 anos. No Brasil, as primeiras publicações surgiram em 1969, com o trabalho na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) com estudantes do 4º ano e da Escola Paulista de Medicina (EPM) (Cerchiari, 2004).

Não há um consenso em relação ao conceito de saúde mental, porém um dos conceitos seria um estado de bem-estar no qual o sujeito realiza as suas próprias capacidades,

consegue lidar com as tensões cotidianas da vida, trabalhar de forma produtiva, como também ser capaz de realizar contribuições para a sua comunidade (WHO, 2007).

No ambiente universitário, diversas questões podem surgir e para cada pessoa de maneira diferente. A desigualdade nesse espaço é bastante predominante, seja ela econômica, étnica, racial, de gênero, entre outras. Essas questões podem fazer com que os estudantes se excluam, não se sintam aceitos, como também, por terem que trabalhar para poder pagar os estudos, não consigam cumprir as exigências da instituição.

Essa desigualdade pode levar a outro fator, a violência. Esta pode surgir sendo verbal, física e suas diversas variações. Essa violência afeta diretamente o desenvolvimento do estudante na graduação e, em sua maioria, na saúde mental. Essa violência não ocorre apenas entre alunos, mas entre a instituição como um todo, ou seja, professores, funcionários, estudantes e pais, o que pode gerar uma desumanização nesse espaço.

A Academia tem as suas estruturas formadas em um padrão, como realização de trabalhos acadêmicos, pesquisas, participação em congressos, simpósios, feiras de tecnologia, palestras, entre outros. Para o estudante participar dessas atividades necessita de tempo e, no geral, dinheiro, o que pode ser uma exigência que muitos não conseguem atender.

A evasão universitária é outro fator a ser considerado diante do espaço acadêmico. Bardagi e Hutz (2005) em seu trabalho, fazem uma revisão de estudos publicados no contexto brasileiro sobre esse tema. Diante da literatura, muitos aspectos foram levantados para justificar a evasão dos estudantes, como baixa integração social, aspectos da vida escolar antecedentes à entrada na graduação, expectativas não correspondidas, insatisfação com questões institucionais, mau rendimento no curso, reprovação, atraso, problemas financeiros e falta de informação sobre o curso, gerando insatisfações, mau relacionamento entre professor e aluno, entre outros.

Bardagi e Hutz (2005) aborda que a alta evasão levanta dúvidas sobre o papel da universidade diante dessas questões e geralmente, a instituição acadêmica se desresponsabiliza sobre essas questões. Essa atitude de evadir dos estudantes, pode indicar uma falta de espaço receptivo para atender aos problemas que decorrem ao longo da graduação. Caso houvesse alternativas para as questões percebidas, os estudantes iriam permanecer. Desta forma, programas de intervenção poderiam diminuir essa evasão (Bardagi & Hutz, 2005).

Veloso e Almeida (2001) em sua pesquisa realizada em uma universidade no Mato Grosso, classificaram alguns dos principais motivos da evasão dos estudantes, sendo questões individuais do aluno (como financeiro, necessidade de trabalhar, imaturidade psicológica), estrutura física, do curso, mercado de trabalho e o docente. Os autores concluíram que a evasão nessa universidade não é apenas uma questão pessoal do aluno, mas fenômeno institucional, reflexo da falta de políticas de permanência do discente na universidade. Foi identificado que os coordenadores dos cursos apresentam uma contribuição para essa evasão, devido à falta do acolhimento aos estudantes no curso, por não passar informações importantes sobre o curso, o que contribui para a permanência da imaturidade psicológica.

Esses problemas citados acima, entre outros não mencionados, estão atrelados à vida de um estudante universitário. Esses fatores podem gerar angústias e outros problemas psicológicos se não houver um cuidado.

Bardagi e Hutz (2005) em sua pesquisa, percebem que as instituições acadêmicas apresentam uma dificuldade de perceber que também são geradoras de desinteresse para o aluno, o que dificulta a implementação de políticas sistemáticas de intervenção devido à desresponsabilização. A autora Bezerra (2016) salienta a necessidade de se problematizar o contexto acadêmico, devido a este estar demonstrando um grande potencial de afetar a saúde

dos estudantes, e não apenas fazer os levantamentos dos possíveis aspectos que causam esse adoecimento.

Diante desses questionamentos, o objetivo desse trabalho é compreender a percepção do professor relacionada à saúde mental no contexto universitário e como objetivo específico, busca-se compreender a visão do professor sobre o espaço universitário, analisar a percepção do professor sobre suas práticas e compreender as relações de poder professor-aluno diante da saúde mental do estudante.

Em vista disso, é preciso a compreensão de alguns aspectos específicos para conseguir alcançar os objetivos. No capítulo um é discutida a instituição da Universidade e a influência da sociedade, que conseqüentemente afeta o estudante universitário e a sua saúde mental, tema discutido no capítulo dois. Por fim, ao se tratar das relações no contexto universitário, as relações de poder surgem, principalmente sobre a relação professor-aluno, na qual é discutida no capítulo três.

Capítulo 1 – Universidade

O ambiente universitário caracteriza-se por ser um espaço de propagação e construção de conhecimento científico, no qual há formação profissional por meio de práticas educacionais pré-definidas (Fávero, 2004). Desta forma, a universidade é definida:

(...) como uma instituição dedicada a promover o avanço e a socialização do saber e do saber-fazer; espaço de invenção, descoberta, produção de teoria e divulgação de novos conhecimentos; espaço de inovação, de criação de cultura, desenvolvimento de novas tecnologias e encaminhamento de soluções para problemas da realidade social (Fávero, 2004, p. 198).

O ambiente universitário compõe-se de um espaço amplo, diversos cursos e com diferentes particularidades. A instituição, na análise institucional, se diferencia de organizações e estabelecimentos, devido a ela não precisar de um espaço físico. Instituições são produções e reproduções das relações sociais que se instrumentalizam em decorrência de produtos históricos da sociedade (Rossi & Passos, 2014).

Dessa forma, a instituição do Ensino Superior apresenta um seguimento de normas, regras, uma cultura específica de cada uma, o que as diferenciam umas das outras, porém o mesmo acontece em relação aos diferentes cursos dentro de apenas uma universidade. Cada curso contém suas próprias dinâmicas de funcionamento e dessa forma, os estudantes além de se adaptarem à rotina da própria universidade, fazem o mesmo com o curso em que estão se graduando. Ou seja, no campus da universidade há diferentes instituições.

Meyer Júnior (2005) afirma que a universidade é vista como a organização mais complexa de nossa sociedade e considerada como uma das mais importantes organizações sociais. No século XII foi criada e desde então, enfrenta diferentes crises, sendo originadas por fatores internos e externos. Declara que “como uma organização sensível às mudanças do ambiente, muitos dos problemas enfrentados pelas universidades se concentram na sua

capacidade de ajustar-se a uma nova realidade, em especial, às demandas de um novo contexto” (Meyer Júnior, 2005, p.374).

De acordo com Dias Sobrinho (2005) é arriscado descrever de forma segura futuras mudanças da universidade. E completa “não há consensos razoavelmente estabelecidos sobre esse eixo universidade - sociedade. Uma universidade não está fora, separada, mas está dentro da tessitura complexa e contraditória da sociedade, em relações de mútuas interatuações” (p.164).

Essa dificuldade de adaptação da universidade para o momento atual da sociedade traz implicações à vida de toda a comunidade universitária, pois essa mudança da realidade implica questões administrativas, organizacionais, tecnológicas, educacionais, saúde, como também interpessoais. Para isso, cada núcleo de atividades de uma universidade deveria se atentar à mudança na realidade que lhes pertence e, no nível educacional, saúde, interpessoal, diversos profissionais poderiam orientar nesse contexto acadêmico, como pedagogos e psicólogos.

Morin (1997) afirma que “a Universidade é conservadora, regeneradora, geradora. Conserva, memoriza, integra, ritualiza um patrimônio cognitivo; regenera-o pelo reexame, atualizando-o, transmitindo-o; gera saber e cultura que entram nessa herança” (p. 17). Essa ambiguidade ainda é bastante presente.

A universidade é um espaço para a discussão de conhecimento, questionamento, local para quem gostaria de aprofundar seus conhecimentos, porém em muitos espaços há apenas transmissão de conteúdos nos quais os alunos decoram. A universidade tenta acompanhar as mudanças da sociedade, porém continua bastante conservadora. Atualmente muitos estudantes entram na universidade não por um interesse em determinada área, mas por ela ser a que melhor emprega no mercado de trabalho.

Azevedo (2018), ao realizar uma pesquisa na literatura, percebe que nos estudos a universidade é vista como uma prática de educação imposta, sem o envolvimento do aluno e voltada à memorização ao invés de reflexões. O sistema da universidade aparenta estar mais voltado à adequação de normas e padrões que devem ser estabelecidos, ao invés de promover espaços reflexivos de diálogos.

Em vista disso, o mesmo autor apresenta que na sala de aula os professores e alunos entram em conflito, não abrindo espaço para diálogos. Conseqüentemente, professores e alunos se encontram em posições distintas, sendo o professor o detentor do conhecimento e o aluno devendo apenas absorvê-lo (Azevedo, 2018).

É importante entender e problematizar esses conflitos relacionais, essas normas da universidade, a ambigüidade na sociedade atual e compreender os impactos que essas questões têm sobre o estudante universitário, em especial na sua saúde. Esses impactos podem estar influenciando diretamente a vida desses estudantes e ao discutir sobre universidade, aspectos da saúde mental neste espaço perpassam esta discussão. Em vista disso, é crucial a discussão da saúde mental dos estudantes.

Capítulo 2 – Saúde Mental em estudantes

Ao discutir sobre saúde mental do estudante universitário, estamos articulando com diversas áreas de conhecimento da psicologia, como saúde, social, escolar e até mesmo organizacional e do trabalho. A complexidade desse sistema se dá devido a sermos seres plurideterminados, ou seja, somos físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais concomitantemente. Desta forma, Morin (2001) afirma que a complexidade se dá na tentativa de “conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa esses diferentes aspectos ou os simplifica através de uma redução mutiladora” (p.2). Em vista disso, a visão simplista não considera as partes para compreender o todo (Morin, 2001).

Ao buscar a literatura sobre saúde mental no contexto universitário, no geral, as pesquisas realizadas com estudantes universitários apontam que há uma alta prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, distúrbios psicossomáticos, entre outros, sendo que as mulheres apresentam os maiores índices (Neves & Dalgalarrodo, 2007; Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005). Os autores Adlaf et al. (2001) afirmam que se encontra maior taxa de sofrimento mental em jovens universitários do que em jovens da mesma idade que não estão cursando a universidade.

De acordo com a OMS (2014), foi estimado que mais de 800 mil pessoas cometem suicídio por ano, sendo a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (primeira causa é de acidente de trânsito) e há uma hipótese de que a cada suicídio registrado, há 20 ou mais outras tentativas.

Sabe-se que no ambiente universitário há pessoas de diferentes idades, porém há muitas pessoas entre 18 e 29 anos, que podem estar em situação de risco. Diante dessa

questão e da ambiguidade da inserção no ambiente universitário, percebe-se a necessidade de se discutir a saúde mental nesse espaço.

Apesar de haver um espaço para psicólogo dentro das universidades, como psicólogo escolar, os aspectos específicos dessa atuação ainda são discutidos. A autora Marinho-Araújo (2016), em seu trabalho aborda que diante do aumento de estudantes nas Instituições de Ensino Superior (IES), houve em conjunto uma demanda para a atuação do psicólogo escolar neste contexto, porém com uma visão de este realizar atividades como tratamentos para estudantes com problemas de aprendizagem, atraso acadêmico e inadequação social. Percebe-se que esses fatores são voltados ao aluno, culpabilizando-o pelos impasses encontrados nas IES.

Marinho-Araújo (2016) faz uma crítica a essa visão equivocada voltada apenas para o aluno, por não serem levados em consideração aspectos históricos, sociopolíticos e culturais. Desta forma, o psicólogo escolar na Educação Superior deve “atuar no desenvolvimento psicológico complexo dos participantes desse espaço” (p. 203).

Além desse fator, Santos (2011) apresenta dados sobre a influência de programas de promoção da saúde, na qual apresenta que os benefícios dessas ações não ocorre apenas no nível psicológico, mas em conjunto com o nível físico do indivíduo, causando impactos positivos.

Outro benefício apresentado por Santos (2011) sobre a promoção da saúde é sobre o desenvolvimento acadêmico. Pesquisas apontam que estudantes com a saúde mental boa tendem a ter um melhor desempenho na academia e que intervenções que consolidam capacidades sociais, emocionais e tomada de decisões, favorecem positivamente esse desempenho. Conseqüentemente, a falta dos cuidados da saúde mental pode ocasionar um

maior fracasso acadêmico. Uma pessoa com depressão pode ter um prejuízo cognitivo e uma com ansiedade pode ter problemas com a memorização, por exemplo.

As implicações dos problemas relacionados à saúde mental afetam várias dimensões, sendo elas físicas, emocionais, cognitivas, acadêmicas, podendo ter menor ou maior gravidade. Porém essas questões também causam implicações no nível interpessoal e institucional, pois recaem no desenvolvimento daquela instituição e sobre a evasão (Santos, 2011).

Na V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018, a qual se refere aos estudantes de universidades federais de todo o país, a última parte foi referente aos hábitos que os alunos apresentavam relativos ao cuidado da saúde, desde a alimentação, cuidados médicos e emocionais.

A pesquisa apresenta, em relação a alimentação que a maioria dos estudantes fazem três refeições por dia em todas as regiões e essa porcentagem se destaca no Norte (48,5%) e no Nordeste (47,6%). No Centro-Oeste e o Norte, há mais percentual de estudantes que se alimentam até duas vezes por dia.

Quanto aos cuidados físicos, quase 40% dos entrevistados afirmaram que não realizam atividades físicas. No trabalho anterior, a IV Pesquisa, o percentual deste mesmo perfil era de 29,2%, o que demonstra um maior sedentarismo no ambiente universitário.

Em relação à busca por atendimento médico, a maioria recorre à rede pública de saúde (53,6%), 1,2% dos alunos procuram ajuda informal de amigos ou familiares e 2,9% afirmaram não procurar por nenhum serviço. Quanto à frequência dessa busca, 51,3% disseram que raramente procuram esses serviços.

Os percentuais dos estudantes relativos à saúde mental são preocupantes. 83,5% dos estudantes relataram que apresentavam alguma dificuldade emocional. De acordo com essa estatística, ansiedade afeta 6 a cada 10 estudantes, a ideia de morte afeta 10,8% e pensamento

suicida 8,5%. Comparando ao levantamento anterior, na IV Pesquisa o percentual de estudantes universitários com ideação de morte representava 6,1% e em relação ao pensamento suicida o percentual de era 4%.

Nesta pesquisa é apresentado que a rotina dos estudantes universitários contribui para o aumento dos problemas relacionados à saúde mental e, para isso, os estudantes precisam ter uma postura flexível e resiliente na universidade. Isso é uma questão preocupante, pois um espaço que deveria proporcionar maior conhecimento, está sendo promotor à falta de saúde mental.

Para se discutir um fenômeno complexo, é importante observar os aspectos psicológicos e físicos como descritos na pesquisa, mas também é preciso destacar outros. Neste trabalho, será apresentada uma discussão de aspectos relacionais, como as relações de poder existentes neste contexto.

Capítulo 3 – Relações de poder no contexto universitário

Na universidade, assim como em toda sociedade, há as relações de poder, que perpassam todos ali presentes, professor-aluno, professor-professor, coordenador-aluno, coordenador-professor e assim seguindo a hierarquia presente, sendo também constante a vigilância entre eles (Azevedo, 2018).

Foucault (2004/1979) apresenta esse tipo de poder, que em meio à sociedade capitalista não pode ser mais um poder soberano, mas que se torna alheio à soberania, sendo este o poder disciplinar. Esse controle dos corpos por meio da disciplina que é realizado de forma constante, lhes impõe uma relação de docilidade na qual a resistência dos sujeitos é enfraquecida (Foucault, 2004/1979).

O autor afirma que o exercício do poder atua sobre o corpo e que perpassa toda a sociedade. Esse poder é exercido em diferentes locais e de diversas maneiras, dessa forma o poder é múltiplo, alcançando todos os setores da sociedade (Foucault, 2004/1979). Em vista disso, o autor aborda que o poder é estratégico e que não depende de quem o possui, mas de quem o exerce (Foucault, 2006).

Zuin (2003) apresenta que a punição física já não é mais aceita no contexto de sala de aula, porém há uma contradição devido à sociedade aceitar/permitir a autoridade do professor como punitivo, mas esta mesma sociedade que o capacitou o reprime quando o faz. O autor acrescenta:

A meu ver, é nesse período da emergência das escolas de massas que acontece algo decisivo para a relação estabelecida entre professores e alunos, bem como para a formação das representações aversivas do corpo discente quanto a seus mestres: a gradativa substituição das punições físicas pelas psicológicas (Zuin, 2003, p.420).

Na universidade a vigilância estabelecida pelo poder se dá de forma camuflada (Azevedo, 2018), porém mesmo sem ser visível ela é bastante presente e sentida. Ao começar o curso, o aluno cria uma imagem do professor e ao longo do tempo se frustra quando percebe que seus mestres estão distantes do que foi idealizado (Zuin, 2003). Zuin (2003) apresenta que “os tempos atuais são muito mais afeitos ao professor universitário que discorda do raciocínio do aluno e escreve na sua dissertação, ao lado da nota atribuída, dizeres do tipo: ‘Você pensa?’” (p.423).

Nas salas de aula as cadeiras em fileiras, o professor tido como autoridade na sala, tarefas a serem feitas com o objetivo de ocupar o tempo e mesmo que na universidade os alunos são tidos como autônomos, há a assinatura de chamada, controle rigoroso de faltas das aulas e testes, além da vigilância dos colegas de sala. Dessa forma, os estudantes que não se adaptam, os professores reprovam (Azevedo, 2018).

Azevedo (2018) afirma que nas salas de aula em uma universidade, o controle do sistema disciplinar moral tende a ser menos expressivo, porém esse controle é concentrado nas avaliações, testes e provas, dessa forma pode-se medir o quanto o aluno sabe ou decorou de determinada matéria. “Ao frequentar escolas e outras instituições de controle, o corpo se adentra mediante normas e punições, visando ao cumprimento de tarefas, formando um bom e respeitável cidadão” (Azevedo, 2018, p. 56).

As exigências encontradas na Academia, como a realização de avaliação fechada, entrega de trabalhos com prazos, rotinas de leitura, entre outros, “são dispositivos de poder disciplinadores utilizados que configuram as relações de poder. Dessa forma, a caracterização do poder respalda a dinâmica social, na qual estão presentes tanto as ações de dominação como as reações dos dominados” (Azevedo, 2018, p.54).

As relações de poder por si só não são um problema. Pode-se haver uma relação de poder saudável entre professor-aluno, sem ser punitiva, sendo construtiva e que favoreça um crescimento tanto profissional quanto pessoal, porém o que é bastante comum de se encontrar nas universidades são relações de poder abusivas que em sua maioria são tidas de forma sutil.

Não podemos negar que vivemos em uma cultura que impõe ao aluno criar representações aversivas dessa relação professor-aluno (Zuin, 2003). Desta forma, o aluno já chega na sala de aula na defensiva, esperando um professor aversivo e quando isso não ocorre, há uma contradição psicológica para esse aluno. Essas relações de poder abusivos podem gerar sofrimento nos estudantes, diante da pressão e violência imposta.

Muitos professores se colocam na posição de atuar na dimensão racional e objetiva, cumprindo o seu papel como profissional e desta forma os conflitos sentimentais dos alunos não são percebidos como uma demanda dele, pois essas questões são percebidas como não tendo relação com o seu trabalho (Zuin, 2003).

Seria simplista afirmar de forma correlacional que essas relações de poder na universidade e a conduta que o professor possui dentro de sala de aula são as causadoras de sofrimento no aluno, entretanto é importante salientar que elas podem contribuir. É importante estudar essas relações dentro da universidade e compreender os diversos motivos do porquê essa instituição causa tanto sofrimento no estudante universitário, pois diante desses resultados pode-se criar intervenções e novas estratégias de como proporcionar uma melhor saúde mental para os estudantes. Em vista disso, foi realizada uma pesquisa no contexto universitário visando compreender melhor esses aspectos discutidos acima.

Capítulo 4 – Método

A pesquisa qualitativa apresenta uma relevância para o estudo das relações sociais, devido a essa possibilitar um entendimento da pluralização das esferas de vida. Com as grandes mudanças sociais, os pesquisadores sempre se deparam com situações e realidades diferentes, sendo elas tão novas que as antigas teorias fracassam diante deste novo objeto. Dessa forma, usam-se mais estratégias indutivas para a realização das pesquisas no contexto social a ser estudado ao invés de testar teorias já existentes. Porém, o conhecimento teórico influencia os novos, dessa forma as novas teorias são desenvolvidas em detrimento dos estudos empíricos (Flick, 2004).

A cartografia, um dos métodos da pesquisa qualitativa, trata-se do conhecimento ligado à linha das ciências sociais e humanas e ocupa-se dos “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (Prado Filho, 2013, p.47). Esse método se diferencia de outros, devido a não apresentar um seguimento rígido de regras, procedimentos e/ou protocolos para a realização da pesquisa, no entanto a análise é feita por meio de um olhar crítico, na qual as trajetórias do campo, rompimentos, resistências, relações são descritas e acompanhadas (Prado Filho, 2013).

Nesse sentido, há uma inseparabilidade entre o conhecer e fazer, pesquisador e intervenção, sendo durante o processo afetando e sendo afetado por ele, um processo ativo do pesquisador com no campo na qual está inserido (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015).

Em vista disso, considera-se que não se pode ir a campo com uma ideia de antemão, pois o objetivo, sujeito e conhecimento são decorrentes do processo de pesquisa. É ao

mergulhar na experiência que se constrói o conhecimento e se conhece a realidade, em um processo do fazer-saber e não saber-fazer (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015).

Romagnoli (2009) em seu trabalho, afirma que:

A cartografia, como portadora de certa concepção de mundo e de subjetividade, (...), traz um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas (p.169 e 170).

Em vista disso, o pesquisador possui um papel crucial no processo de pesquisa, pois a produção de conhecimento é devido à vivência do pesquisador, suas percepções, sensações e afetos que são percebidos no campo, ou seja, a pesquisa não é neutra (Romagnoli, 2009).

Esta pesquisa foi inspirada na cartografia devido à pesquisadora ser uma estudante universitária, que carrega grandes percepções, sensações e angústias relacionadas a este espaço universitário. Dessa forma, a cartografia possibilita um posicionamento ativo de suas ideias e reflexões.

4.1 Sujeitos e locais

A pesquisa foi realizada em um Centro Universitário particular, situado em Brasília, tendo como participantes de pesquisa docentes dos cursos de Psicologia, Direito e Arquitetura. A escolha desses cursos foi devido a estes estarem entre os grandes cursos de referência na Universidade em questão e cada um dos cursos escolhidos corresponde a uma ciência diferente, sendo elas respectivamente ciências sociais, humanas e exatas.

Durante o processo, foi feita uma solicitação para os coordenadores destes cursos para que autorizassem um professor a realizar essa entrevista. Os coordenadores do curso de Direito e Arquitetura indicaram os participantes e o da Psicologia foi de escolha minha, por

conveniência. As entrevistas foram realizadas em salas separadas pelos professores na própria universidade. Desta forma, participaram da pesquisa 3 professores dos respectivos cursos.

4.2 Instrumentos e procedimentos

Para a realização da pesquisa de campo foram utilizados dois instrumentos diferentes. A entrevista semiestruturada, que consiste em articular perguntas abertas e fechadas, desta forma a pesquisadora tem a possibilidade de comentar durante a entrevista sobre o tema sem se prender à mesma (Gomes, 2009). As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 1 hora.

Outro instrumento usado pela pesquisadora para realização de registros dos dados foi o diário de campo, sendo utilizado em qualquer momento das atividades realizadas no campo. Nele, a pesquisadora expôs e suas “percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através de utilização de outras técnicas” (Minayo, 1994, p.63).

Nesta pesquisa, o uso do diário de campo foi inspirado na cartografia. Por meio dele, foi possível apreender aquilo que não está expresso literalmente pela expressão verbal ou o que esta entrevista não pôde capturar.

4.3 Análise das informações construídas

Para realizar a análise das informações, foi utilizada a análise de conteúdo temática. Esta comporta um conjunto de relações que pode ser representado por meio de “palavras, frases, um resumo” (Gomes, 2009, p. 86). Este consiste, em antes ou após a pesquisa, agrupa ideias e expressões que possam ir surgindo e se relacionando entre si (Gomes, 2009, p. 86).

Na presente pesquisa, foi realizada a análise após as entrevistas e construídas as categorias em vista do que foi encontrado no campo. Desta forma, foi realizada a distribuição de trechos e falas das entrevistas, feita uma leitura dialogada em cada classe, identificado os

núcleos de sentido apontados pelos trechos, dialogando com esses núcleos de sentido com os pressupostos levantados e articular com os conceitos teóricos que orientam a análise (Gomes, 2009).

4.4 Considerações éticas

Esta pesquisa foi aceita¹ pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (UniCeub) e atendeu as normas éticas. Foi mantida em sigilo a identidade dos professores. Antes da realização das entrevistas, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), o qual estava apresentava todas as informações da pesquisa e a garantia de que as informações prestadas serão mantidas em confidencialidade.

Na realização das entrevistas, foi utilizado o celular para gravar e apresentado o TCLE. Os participantes aceitaram participar da pesquisa de maneira voluntária e espontânea.

Este estudo possui baixos riscos e não foram necessárias medidas preventivas durante as entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento posterior, a equipe de pesquisadores está disposta a encaminhar os participantes ao Centro de Formação do UniCEUB (CENFOR), para que possa realizar atendimentos psicológicos gratuitos. Os benefícios dessa pesquisa constam em aumentar o conhecimento sobre a saúde mental do estudante universitário.

¹ O número do processo de aprovação é 3.685.104. Este processo pode ser visto no anexo C deste trabalho.

Capítulo 5 – Resultados e discussões

Com o intuito de respeitar a hierarquia da instituição, antes de me aproximar dos professores para fazer as entrevistas, eu solicitei ao coordenador dos cursos autorização. Interessante perceber que os três coordenadores se mostraram abertos e empolgados com o meu tema de pesquisa, enfatizaram a importância dele.

Essa pesquisa foi realizada no Centro Universitário em que estudo e em vista desse conhecimento que tenho do curso de psicologia, decidi, apenas neste curso, escolher o professor seria entrevistado. Como não tinha conhecimento de quais os outros professores que seriam indicados, eu pensei que seria importante apresentar na pesquisa um professor que se posiciona de forma diferente na sala de aula, que sai do posicionamento tradicional de professor, sendo este autoritário e tendo uma relação hierárquica com o aluno (Azevedo, 2018).

Ao conversar com os coordenadores do Direito e Arquitetura para pedir indicação de professores, ambos queriam que fosse um professor que apresentasse maior vínculo com os alunos e que tivesse mais contato com eles. Interessante esse posicionamento de ambos. A escolha deles seguiu o mesmo objetivo que o meu ao escolher o professor da Psicologia. Não tem como sabermos se foi para mostrar uma imagem diferente do curso ou porque esses coordenadores vêem esses professores como exemplos, pois ambos os professores se preocupam com a saúde mental do estudante universitário.

É interessante ressaltar que, mesmo utilizando a entrevista semiestruturada, alguns temas surgiram sem serem direcionados por ela. Ao longo dos diálogos com os professores, seguimos como uma conversa e não como uma entrevista bem categórica de perguntas e respostas.

Com o objetivo de preservar a identidade dos professores, não usarei os nomes nas falas trazidas, representarei da seguinte forma: para a professora de Psicologia será usado “ProfP”, para a de Direito, será usado “ProfD” e por fim, Arquitetura, “ProfA”.

Durante as entrevistas e minhas percepções produzidas por via do diário de campo, construí três grandes categorias analíticas, sendo elas: (1) Percepção da Universidade no contexto atual; (2) Relação de poder professor-aluno, e, por fim (3) Fissuras e resistências: a saúde mental dentro e fora de sala de aula. Isso se deu em função da análise de conteúdo temática.

5.1 Categoria 1: Percepção da Universidade no contexto atual

Antes de discutirmos sobre saúde mental no contexto universitário, precisamos entender qual é esse contexto. Há uma diferença entre centro universitário e universidade. Os centros universitários são pluricurriculares, ou seja, abarcam uma ou mais áreas de conhecimento de alta qualidade de ensino voltado principalmente para a prática profissional. As universidades são instituições pluridisciplinares, que se definem por serem indissociável as atividades de ensino, pesquisa e extensão. A instituição que ocorreu a pesquisa é um Centro Universitário, porém este está se voltando para atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Neste trabalho, quando discuto sobre as Universidades, não faço diferenciação aos Centros Universitários ou apenas às Universidades, pois apesar de terem nomenclaturas diferentes as configurações do espaço social são as mesmas. Apesar desta diferenciação, é importante também ressaltar que estamos discutindo sobre a Universidade Particular, sendo um grande comércio de aprendizagem atualmente. Em vista disso, algumas pontuações são diferentes da Universidade Pública, pois os seus objetivos são distintos. Ou não?

Essa indagação eu me perguntei bastante. Qual o papel da Universidade? Mesmo mergulhada no espaço capitalista, é um espaço de ampliação de conhecimento e formação profissional. Eu me pergunto se há mais papéis que não vemos ou que deveriam se tornar parte desse universo de conhecimento.

Antes de começar as perguntas semiestruturadas aos professores, contextualizei a minha angústia. Percebo na Universidade, uma visão macro dessa organização capitalista está bastante focada em ganhar, na parte financeira e se abstém de olhar para o seu cliente, o estudante universitário.

Após contextualizar essa fala, a Professora de Psicologia relatou:

ProfP: É como se a gente acabasse, se abstém de uma responsabilidade, de cuidado dessas pessoas que ingressam na universidade. Porque a propaganda é de que é para todo mundo, mas a gente não se responsabiliza por esse todo mundo. Por esse processo de formação, que quase que inevitavelmente é em alguma medida também adoecedor. Inevitavelmente, quase inevitavelmente... Eu estou com medo de falar inevitavelmente para não ser muito enfática. Para não dizer que é 100% das vezes, mas quase 100% das vezes em algum momento ele é adoecedor. Eu também tenho esse questionamento, será que tem que ser assim? É para ser isso? A academia é para ser adoecedora? Então que isso seja dito, quando vender o pacote, né? [risos].

O relato da professora pontua a necessidade de se avaliar uma postura comum neste espaço. De que após “conquistar” o cliente para entrar na Universidade, não há mais tantas iniciativas para proporcionar um bem-estar, focadas na saúde mental.

Veloso e Almeida (2001), como já mencionado, identificam que a falta de acolhimento aos estudantes universitários contribuiu para a evasão e por não passar

informações importantes sobre o curso, o que contribui para a permanência da imaturidade psicológica. Isso pode ser evidenciado na seguinte fala, da professora de direito:

ProfD: Eu acho que a muito tempo a universidade já deixou de ser construtor de conhecimento para ser um organizador de conhecimentos. Ela impulsiona muito aqueles que focam, que tem objetivo e que vem para cá e aproveitam todas as circunstâncias que o curso pode dá. Mas ao mesmo tempo ela deixa passar abatido aqueles que entram, sem foco, entendeu? E o que vai acontecendo? Aquela pessoa vai fazendo... e ela vai fazendo... aí reprova em uma, reprova na outra... e ela para por um tempo, depois ela volta... E assim, nada coloca no eixo. Tipo, beleza, vamos lá começar. Acho que é bem daquela história, não sei se vocês fizeram, mas quando eu fui me formar eu fiz o teste vocacional.

O que transparece neste relato é que há uma falta de interesse dessa organização em focar no aluno. O importante são os alunos que podem dar visibilidade à instituição e esses recebem chances e são incentivados a participar de atividades acadêmicas, entre outras. Os alunos que não oferecem essa visão da instituição, não são importantes e não são vistos. Isso se confirma com o relato da professora de psicologia:

ProfP: E não interessa mesmo. Infelizmente é uma percepção das universidades como um todo. Que como atrair alunos... É muito mercantilista, tem se torna muito mercantilista a educação (...), é uma empresa que quer atrair os consumidores e o foco da propaganda é no que atrai (...) e uma coisa que atrai os consumidores é a nota no ENADE², nota do MEC³. É isso que atrai consumidores (...)

² Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). O exame avalia, por meio de provas aplicadas aos alunos do primeiro e últimos semestres, a qualidade dos cursos superiores.

³ Ministério da Educação (MEC). Utilizando as notas do ENADE, em conjunto com os dados do número de professores mestres e doutores, as instalações da instituição e os recursos que são utilizados nas aulas, o MEC atribui o CPC (Conceito Preliminar de Curso), que varia os cursos entre notas de 1 a 5.

Discutir qual é o papel da Universidade, neste caso com um enfoque nos particulares é um desafio. Morin, em 1997, escreve uma definição da Universidade que continua atual, sendo essa instituição conservadora, regeneradora, gerando conhecimentos e integrando nessa herança, continuando o mesmo ciclo ao longo desses anos.

A Universidade é sensível às mudanças da sociedade e muitos dos problemas enfrentados por ela estão relacionados à essa tentativa de se ajustar à nova realidade (Meyer Júnior, 2005). Mas eu questiono: a instituição está tentando se ajustar a todos os aspectos da nova realidade ou apenas aos que lhes favorecem? Desta forma, para podermos discutir esse aspecto, precisamos levar em consideração o momento atual da nossa sociedade.

O capitalismo é uma característica da nossa sociedade há vários anos e nas Universidades Particulares é inevitável perceber essa influência. A questão a ser discutida seria qual o intuito dessas organizações? Apenas buscar mais clientes por ter uma educação de excelência? A qualidade importa, porém, há outros fatores que interferem e que são tão importantes quanto, até mesmo para atrair mais consumidores. No comentário a seguir a professora de direito sugeriu uma alternativa para auxiliar os estudantes e que poderia até mesmo trazer mais visibilidade à instituição:

ProfD: De repente no contrato, (...), pode ser uma alternativa, quando o menino faz a matrícula receber um folder, um material com todos os serviços que (...) tem e o que ele oferece para o seu acadêmico. Isso pode ser inclusive um diferencial para fazer.

Para trazer o aluno para cá.

A professora comentou a possibilidade de disponibilizar aos alunos os serviços oferecidos pela organização. Nessa Universidade em específico, onde ocorreu a pesquisa, os alunos podem ter acesso a piscina da organização, equipes de esportes, um núcleo que representa os alunos e oferece aulas, cursos diversos e também há jogos, um centro

comunitário que oferece diversos serviços profissionais, entre outros e muitos alunos não sabem.

Dias Sobrinho (2005) apresenta que a Universidade não está afastada da sociedade, mas dentro dessa estrutura complicada e contraditória. Desta forma, essa organização não é apenas sensível às mudanças da sociedade, ela se modifica em conjunto, pois estão sempre interligadas.

Outra questão advinda da sociedade capitalista é a busca por um ideal de vida. Em Brasília há uma cultura forte em relação ao incentivo das pessoas fazerem uma graduação e passar em concurso público. Há uma forte pressão social para que a pessoa consiga realizar esse ideal o mais rápido possível, em conjunto com os outros ideias, como por exemplo a aparência física. O comentário abaixo o professor de arquitetura enfatiza essa questão:

ProfA: Ao mesmo tempo que a tecnologia ajuda, ela também é vilã.

Eu: Mostra essa pressão social...

ProfA: Sim. Acho que ela também trouxe esse lado negativo. Trouxe as duas coisas.

A tecnologia possibilitou uma nova visão do mundo, das informações, das culturas, entre outros aspectos, e essa divulgação de informações também transparece a pressão que a sociedade coloca na população. Durante a entrevista, o professor de arquitetura se mostrou bem indignado com essa questão social, como mostra no relato a seguir:

ProfA: Esse excesso de querer parecer [nas redes sociais] perfeito. De querer ser perfeito, de querer parecer perfeito. Sabe? Os garotos estão tomando anabolizante para ficar gigante, as meninas vão fazer plástica... Nada contra, assim... às vezes, mas

é uma coisa exacerbada. Uma coisa de TEM QUE⁴ ter dinheiro, TEM QUE conhecer isso, TEM QUE fazer parte desse mundo... Pressão que vai influenciar a vida acadêmica? Eu acho que vai sim! Certamente vai!

Há uma pressão da sociedade brasileira, uma pressão mais específica da cidade de Brasília e questões relacionadas a família de cada pessoa. Santos (2011) apresenta que estar na graduação, apesar de ser um espaço de desenvolvimento pessoal e social é um período de grande estresse, devido às cobranças de diferentes níveis que acompanham a vida universitária, cobranças externas e internas, entre outros. Essas cobranças e pressão social, também interferem na saúde mental dos estudantes universitários. A fala a seguir acrescenta a ideia de sermos guiados pelas exigências externas:

ProfD: Às vezes a pressão da sociedade, “há, vai fazer [o curso] direito...”, e que coloca as pessoas aqui dentro e aí essas pessoas estão no lugar errado. Porque elas não têm aquela habilidade. (...) Eu acho que o que mais marca hoje o ensino superior é a falta de foco, é a falta de perspectiva. Eu vou fazer o que com esse curso? O que eu quero?

O relato da professora expressa uma característica que ela percebe bastante no curso de Direito. Os alunos fazerem essa graduação, sem um objetivo específico, apenas para ter uma graduação. Eu já escutei mais de um relato expressando “eu não sei que graduação fazer, então vou fazer o curso de Direito”, apenas para poder entrar na Universidade que é algo exigido.

⁴ Neste momento do relato, coloquei as letras em caixa alta para expressar que no momento da entrevista, o participante enfatizou essas palavras, demonstrando indignação e revolta.

Porém, uma característica predominante das Universidades é formar profissionais. A graduação de Direito forma diversos profissionais, não apenas pessoas para serem advogadas. Essa contradição pode ser evidenciada no relato abaixo:

ProfP: Quando você perguntou: qual é o papel da universidade? Quando você falou eu fiquei “caraca”. O que é hoje? Assim, tem várias respostas, o que eu acredito que deveria ser, o que o mercado diz que é, o que tem que ser, qual é o papel para quem, né?

EU: E o que realmente acontece.

ProfP: E o que realmente é... Bom, também fico pensando que de uma forma geral a educação, muito infelizmente, muito lamento falar isso... A educação de um modo geral, apesar do discurso, dos slogans das escolas maiores que é “para formar um cidadão, para formar uma pessoa”, a gente tem na nossa sociedade ocidental cada vez mais focada na formação profissional apenas. Nosso viés vem sendo cada vez mais focado para isso. Não para a auto formação.

Fávero (2004) apresenta a Universidade como sendo promotora do saber e saber-fazer, sendo este um espaço de invenção e inovação, pesquisa, descobrindo e produzindo teoria, divulgando novos conhecimentos, produzindo novas culturas, tecnologias e um espaço para “encaminhamentos de soluções para problemas da realidade social” (p. 198).

Com essa descrição de Fávero podemos desdobrar e discutir várias questões diferentes. Quando Fávero (2004) apresenta esse espaço como promotor de conhecimento e invenção, divulgação de novos conhecimentos. Há um ideal de como deveria ser, porém nem sempre ocorre. Com a possibilidade de ampliar a entrada de mais pessoas para cursar a

universidade, algumas questões não foram pensadas. A fala a seguir contextualiza um pouco essa questão:

ProfD: [A universidade] democratizou, ela já não tem esse papel de mera concretização de conhecimentos como ela tinha antigamente, porque o grupo era seletivo, já vinha com conhecimentos específicos. Então o que eles faziam era propagar, organizar, entendeu? Focar naquilo que você vai direcionar. Agora não. Agora você pega pessoas sem base nenhuma, semianalfabetos e pega pessoas já com graduação pronta. Então você tem uma diferença dentro que é enorme e a gente precisa equilibrar para conseguir trabalhar. Então houve um processo de democratização desse acesso à Universidade. Isso para mim é fato. Agora como a gente vai fazer com esse processo de democratização e o cuidado pessoal do aluno, eu ainda não sei.

Essa diferença enorme dentro da graduação dificulta a propagação do conhecimento e das atividades dentro de sala. Algumas pessoas apresentam mais dificuldades que outras e por uma questão do grupo podem acabar se isolando ou largando a disciplina por não conseguir ter acesso a essa informação.

Essa descrição de Fávero (2004) mostra o espaço universitário com uma visão romantizada. Não que essas questões não ocorram, porém há uma idealização de como seria esse espaço que nem sempre ocorre. Quase não se discute o que ocorre no processo para se chegar no conhecimento, as angústias, a opressão que alguns alunos sentem, a preocupação, medo, entre outros. Entretanto, infelizmente, existe uma visão no senso comum de que a graduação é difícil mesmo e que apenas permanece quem consegue se adaptar a tamanha exigência e isso demonstra a educação como sendo excludente.

Sobrinho (2010) ressalta que a exclusão educacional é um acontecimento que apresenta diversos problemas, tais como reprovação, preconceitos, falta de vagas, o que pode

ocorrer em algumas disciplinas na graduação, a baixa formação dos professores, as condições insuficientes de educação e até mesmo a falta de expectativas para bons empregos futuros. A consequência desses acontecimentos é que a desigualdade se torna naturalizada e pode ocorrer também a autoexclusão, que seria os próprios jovens internalizarem essa exclusão e se incluírem entre os excluídos sociais. Sobrinho (2010) ainda apresenta que os jovens:

Interiorizam que, na melhor hipótese, teriam capacidades intelectuais e econômicas e, eventualmente, algum direito de frequentarem tão somente os cursos mais acessíveis, menos seletivos e de baixo prestígio, aqueles que lhes abririam mais possibilidades de aprovação, embora sem nenhuma garantia de que venham a alcançar os empregos mais valorizados (p. 1230).

Essa exclusão traz implicações aos estudantes. Ao perceber essa exclusão, muitos adoecem ou desistem da graduação. No relato a seguir, a professora de Psicologia acrescenta essa ideia do adoecimento na graduação:

ProfP: Como se isso perpetuasse uma visão de que a academia tem que ser sofrida. A academia não é para você ser feliz, é para você sofrer.

Meyer Júnior (2005) e Dias Sobrinho (2005) apresentam que a Universidade é uma organização que se altera de acordo com a sociedade, então essa visão de que apenas as pessoas qualificadas devem estar na graduação deveria ser alterada, já que houve uma abertura para a população como um todo ter acesso a esse espaço. As pessoas devem ser qualificadas igualmente. Deveria haver uma forma de educação que não desqualifique o aluno. Abaixo, há um relato do professor de arquitetura enfatizando esse posicionamento:

ProfA: (...) acho que o papel da universidade, principalmente hoje em dia, é sim, vai além de só informar, só fornecer o curso superior. Eu acho que ele tem sim que cuidar

do bem-estar do aluno. Tem professores que acham que não. Que isso não é da nossa conta, por exemplo, eu escutei professores falando isso.

Teoricamente, não há uma lei ou norma que afirme que o professor tem o papel de auxiliar em relação à saúde mental do estudante universitário, porém essas questões que perpassam atualmente a nossa sociedade deve ser discutida. A professora de psicologia problematiza esta questão, veja a seguir:

ProfP: A saúde mental no contexto universitário demanda uma rede mesmo. Não cabe... Você tem a sua função, eu tenho, a instituição tem a sua, mas demanda uma rede mesmo. Tem que ser um embrenhado de ações para promover, porque não é possível só para um.

Problematizar essa questão já é um passo para podermos propor alternativas. Este relato demonstra a complexidade de se trabalhar a saúde mental no contexto universitário, já que a própria universidade se encontra em uma ambiguidade, porém é algo possível. Essa ambiguidade afeta a forma como a comunidade universitária se relaciona e desta forma, discutir as relações de poder existentes neste espaço é de extrema importância. Em vista disso, é sobre essas relações que trataremos na categoria que se segue.

5.2 Categoria 2: Relação de Poder no contexto universitário

Durante a entrevista, ao discutir a saúde mental dos estudantes universitários, os professores já comentavam sobre a conduta que eles apresentavam em sala e como era a relação deles com os alunos. Quando falamos de educação de ensino, o professor está presente nesta discussão, pois este possui um grande papel e poder na educação.

As relações de poder perpassam por toda a nossa sociedade e inevitavelmente ocorre no ambiente universitário. Foucault (2004/1979) aborda que esse poder não pode ser mais

soberano em meio à sociedade capitalista, desta forma esse poder se apresenta como disciplinar.

Essas relações de poder, em meio a nossa sociedade, são necessárias para orientar e organizar a população em massa. A questão é: como devem se dar essas relações? Elas precisam ser abusivas para conseguir chegar em seu objetivo? A relação professor-aluno é hierarquizada e perpassa um ideal de como essa relação deve ser seguida. A professora de psicologia demonstra a sua percepção no relato a seguir:

ProfP: Mas isso está naturalizado na educação como um todo, desde sempre! Não é porque chegou na universidade que ficou assim. É porque desde sempre a gente teve medo do professor. O professor era uma autoridade absoluta. Se o professor dissesse alguma coisa, a gente não podia questionar, a gente não podia discordar...

Infelizmente o nosso modelo educacional ele é hierarquizado. E a gente, como aluno acaba assumindo esse lugar de se submeter a isso.

A punição física já não é mais aceita dentro da sala de aula, porém há um posicionamento da sociedade de aceitar a autoridade do professor como punitiva, ou seja, houve uma gradativa mudança da punição física pelas psicológicas (Zuin, 2003). Desta forma, o aluno se submete às exigências que o professor faz, pois se não o fizer será punido com reprovação ou humilhação, as vezes até pública.

Esse posicionamento abusivo afeta a saúde do estudante, com a tamanha exigência, a forma que se reporta aos alunos, entre outros. Durante a minha graduação, eu mesma tentava fugir de alguns professores que tinham um posicionamento abusivo e ouvi muitos estudantes de outros cursos com o mesmo posicionamento. Só de ver que estava matriculado com determinado professor já era motivo de desespero e muitos largavam a matéria para não ter contato com esse professor. Eu me questioneei junto à Professora de Psicologia, será que o professor tem consciência de que está sendo abusivo?

ProfP: Eu acho que não. Acho que não tem. Está muito naturalizado na nossa cultura, social, institucional, das relações acadêmicas, isso está muito naturalizado. Eu acho que se perde esse cuidado da dimensão do que isso pode provocar, do meu lugar de professor pode provocar no aluno.

Na Universidade, há um posicionamento do senso comum de que é um espaço mais livre do que nas escolas obrigatórias, porém há um rigoroso controle. O professor se mantém como autoridade da sala, as cadeiras são enfileiras, há a assinatura de chamada, controle rigoroso de faltas das aulas e testes, vigilância e caso os estudantes não se adaptem, os professores reprovam (Azevedo, 2018).

Essas formas de controle estão enraizadas na nossa cultura e se apresentam com um propósito, de organizar, formar estudantes, poder medir esse conhecimento de alguma forma, saber se o estudante adquiriu o conhecimento necessário para se formar nesta graduação, entre outros. No momento que estavam discutindo essas questões do professor abusivo, a Professora do curso de Direito apresentou o seguinte posicionamento que fiquei bastante reflexiva.

ProfD: O professor pode ser um fator muito estressor e têm e eu acho que é necessário.

Eu: Um professor estressor?

ProfD: Acho. Eu acho, porque as pessoas não são fáceis, porque as pessoas não são todas fáceis de lidar e você tem que aprender a lidar com as pessoas. Se você não fizer isso agora, vai fazer quando? Quando você perder o cliente lá na frente? Então a gente precisa ter todos os perfis aqui dentro. Não precisa ser todo mundo bonzinho...

No momento até pensei que fazia sentido essa ideia, porém depois fui questionando: será que aprendemos apenas a lidar com pessoas difíceis convivendo com uma? Será que não

há outra forma? Esse posicionamento também vem ao encontro do que Azevedo (2018) apresenta em seu trabalho, em que ao frequentar instituições de controle, há um adestramento do corpo por meio de normas e punições, com o objetivo cumprir tarefas e desta assim, forma-se um bom e digno cidadão. No relato a seguir, a professora acrescenta a explicação da sua opinião:

ProfD: Eu acho bem necessário [professor estressor]. Se isso agrega ou não agrega para dificultar a saúde mental, aí é outra situação. Porque eu acho que aqueles que não tem uma estrutura forte, eles vão ter isso como um fator desagregador total. O aluno que estiver na dúvida por exemplo, pega um professor desses no segundo semestre... Ele não vai perguntar. E outra, se ele não sabe o que quer do curso, ele para por aí. Entendeu? Agora o cara que tem um mínimo de foco, ele vai dizer “isso é só mais um, só mais um que eu vou transpor. Vamos lá”.

Apesar da Professora deixar claro em outro momento que ela considera diferente o professor estressor do professor abusivo, que o estressor tem o intuito de auxiliar o aluno a crescer na profissão, naquela disciplina, a se superar, precisamos pensar sobre essa questão da saúde mental. Há outra forma de incentivar o aluno ao crescimento sem ser um fator estressor? Eu sei que estresse é uma sensação importante e necessário na nossa vida, mas uma disciplina com duração de um semestre ser sempre estressora, acredito ser desnecessária.

Santos (2011) apresenta dados em relação à promoção da saúde auxiliando o desenvolvimento acadêmico. Pesquisas apontam que estudantes com a saúde mental boa tendem a ter um melhor desempenho na academia, conseqüentemente, a falta dos cuidados da saúde mental pode ocasionar um maior fracasso acadêmico. Em vista disso, a seguinte reflexão do Professor de Arquitetura me chama a atenção.

ProfA: Sobre certo ponto de vista, o professor também tem culpa nessa situação.

Porque, como eu te falei, se tem professores, colegas, que falam “nós não temos nada a ver com isso” [saúde mental do estudante] significa que não está nem aí. Não está preocupado, não acredita que haja... não temos nada a ver com isso... Entende?

EU: Tira o dele da reta, né?

ProfA: Isso, isso. Isso não é da minha alçada. Isso não é... entende? Enquanto instituição eu acho que se isso é um problema que tem crescido, eu acho que a instituição tem sim que se preocupar, tem sim que procurar institucionalizar essa... parar com todo mundo e conversar “o que podemos fazer?” (...) “Nós temos sim a ver com a saúde mental do aluno, vamos tirar o pé do acelerador... vamos tentar ouvir, vamos tentar compreender, vamos deixar de fazer isso...” porque existem outras formas de fazer isso, as possibilidades de chegar no mesmo objetivo são várias. Talvez podemos chegar no mesmo objetivo sem ser dessa maneira caótica, sabe? Às vezes... vou dizer cruel. Tem muito professor cruel. Tem muito professor que não está nem aí!

Como estudante universitária, eu sinto que tem muito professor que não liga para a saúde do aluno, para a vida dele ou até mesmo como está o processo de aprendizagem, apenas deseja resultados, porém ouvir de um professor universitário que ele percebe que há muitos professores cruéis, isso me deixou bem impressionada. A percepção desta atitude do professor, não é só minha, aluna, mas também de outro professor.

Muitos professores se colocam em uma posição de cumprir o seu papel profissional de forma racional e objetiva e dessa forma os conflitos emocionais dos alunos não são percebidos como demanda deles (Zuin, 2003). Para entender esse posicionamento, precisamos reconhecer todas as heranças culturais que nos permeiam para que essa relação

professor-aluno seja desta forma. No relato a seguir, a professora de direito apresenta um posicionamento bastante relevante:

ProfD: Ninguém vem pra cá [professor] perder seu tempo... Porque veja, para que eu vou vir para cá [universidade] para ferrar o aluno? Eu vou vir para cá para quê? Eu vou me programar, me preparar, perder tempo para fazer prova, para corrigir prova, só para ferrar o aluno? Tem que ser muito masoquista para isso [risos]. É uma leitura que todo mundo tem. Todo mundo que é aluno tem mesma coisa. A gente professor, quando se senta na cadeira do aluno, a gente tem a mesma leitura.

Não podemos negar que vivemos em uma cultura que determina o aluno a criar imagens aversivas dessa relação (Zuin, 2003). É interessante a professora comentar que mesmo ela sabendo que o intuito do professor não é “ferrar” o aluno, mas quando ela se encontra com o aluno, pensa e sente desta forma. Essa visão da relação de poder professor-aluno se perpassa na nossa sociedade como um todo e é vista como pejorativa, porém não é toda relação que é desta forma. Na seguinte frase, a professora de psicologia apresenta outra perspectiva desse poder:

ProfP: Quando eu reconheço esse poder, aí eu acho que posso usá-lo para promover cuidado e não para promover opressão.

Durante a minha graduação, encontrei muitos professores que me acolheram e me orientaram em muitos momentos difíceis. Acredito que em minha graduação, vivi um diferencial muito grande em relação a esses professores que dão suporte ao aluno, em relação a conhecimento como também em afeto. Ter essa relação de carinho e respeito com eles, também me proporcionou uma aprendizagem. A professora de psicologia apresentou em vários momentos da entrevista essa questão, como a seguir:

ProfP: Por que relações de afeto não podem atravessar a academia? Por que não?

Quando eu entendo que elas seriam altamente promotoras de conhecimento, elas são

na verdade facilitadoras, elas criam um fluxo de comunicação onde a construção da informação acontece de uma maneira mais efetiva.

Como essa cultura do ensino está bastante enraizada (Foucault, 2004/1979; Azevedo, 2018 e Zuin, 2003), ter um professor com esse perfil diferente, gera estranheza. Conhecer professores que se importam com a saúde mental de seus estudantes e que lhes oferece o mínimo de suporte são vistos como os diferenciais da Universidade. Não necessariamente como um aspecto positivo, pois há alunos em que está tão enraizada esta cultura, que quando este tem aula com um professor que se importa, essa relação se torna negativa.

Em minha pesquisa, os professores com quem realizei a entrevista são percebidos como os diferenciais. Quando eu tive contato com esses professores, eu presenciei momentos nos quais esses estavam dando suporte aos alunos, conversando sobre a vida pessoal desses alunos, perpassando por relações de afeto, que influenciavam a vida acadêmica e suas aprendizagem e procuravam criar alternativas junto com os estudantes para poder melhorar determinada situação problema.

Ao discutir com a Professora de Direito as alternativas que ela toma para se aproximar do aluno que percebe que pode estar passando por alguma situação problemática, apresentou que abre espaços ao final da aula para conversar com os alunos, que quando percebe diretamente que um aluno não está bem, o chama e pergunta o que está acontecendo, que ela pode tentar ajudar de alguma forma e questionou:

ProfD: Eu também falho. Eu me dei conta de que quando eu vejo que o aluno está faltando e eu não mando um email para ele para saber o que está acontecendo [no espaço virtual na qual à acesso professor-alunos]. E isso pode ser um fator que traga ele de volta. Ou que abra as portas para ele vir falar comigo sobre o problema que ele está passando.

Bardagi e Hutz (2005) apresenta em sua pesquisa que as instituições acadêmicas apresentam uma dificuldade de perceber que também são geradoras de desinteresse para o aluno, o que dificulta a implementação de políticas sistemáticas de intervenção devido a desresponsabilização. Então, apesar de os professores tomarem alguma iniciativa, precisamos questionar qual o papel institucional nesta demanda. O relato do professor de arquitetura acrescenta nessa discussão:

ProfA: Não adianta eu tomar uma atitude que seja um pouco interessante, mas se meu colega, todos os outros colegas não tem a mesma atitude. Entende? Pouco eu vou conseguir mudar sozinho. Tudo bem que já é alguma coisa, mas eu acho que se todos nos ouvíssemos uma única voz, uma voz soberana, dessas que vem de cima, da própria direção... Não sei. Que fosse discutido, que fosse trazer, porque se a coisa está crescendo cada vez mais não é difícil imaginar que algum momento isso vai chegar em um nível que vai ficar insuportável.

O que se percebe, nesta pesquisa, é que alguns professores apresentam essa consciência e que eles mobilizam alguma estratégia para favorecer essa saúde mental do estudante universitário. Isso não significa que não precisamos de um empenho organizacional ou que essas instituições não se excluem desta responsabilidade, mas que há um grande passo tomado apenas por esses professores realizarem medidas em suas salas de aula.

Em vista disso, é importante enfatizar os aspectos positivos que encontramos neste espaço que favorece o adoecimento. Destacar que ações pequenas geram grandes resultados e que elas não devem ser desconsideradas. Algumas destas ações são apresentadas na categoria a seguir.

5.3 Categoria 3: Fissuras e resistências: a saúde mental dentro e fora de sala de aula

Quando decidi pesquisar sobre saúde mental do estudante universitário, estava bastante indignada com as situações que eu estava presenciando, ouvindo e até mesmo sentindo. Durante a pesquisa, várias situações me fizeram questionar sobre as condutas que podemos tomar para favorecer a saúde mental e fiquei surpresa com o que encontrei neste caminho.

A princípio, busquei questionar a falta de posicionamento da instituição. Bardagi e Hutz (2005) apresentam que a Universidade se desresponsabiliza pela evasão do estudante e percebo está se desresponsabiliza também pela saúde mental destes. Porém, fui pega de surpresa, no relato de uma professora.

ProfD: O setor de Recursos Humanos [da universidade pesquisada] mandou uma pesquisa para a gente do que a gente queria de treinamento para as próximas semanas acadêmicas para os professores. E dentre eles estava lá, saúde mental dos acadêmicos, desenvolvimento de atividades de saúde mental... então tem um viés de preocupação. Tem um viés de trazer.

Mesmo não havendo um posicionamento mais ativo e visível, oferecer treinamento para os professores relacionado à saúde mental do estudante, já é uma forma de demonstrar preocupação e tomar alguma atitude relacionada a essa questão. No relato abaixo a professora de direito demonstrou bastante preocupação quanto a esses treinamentos:

ProfD: Porque a gente [professor] não tem treinamento. Porque a gente não tem preparo. Então o professor também precisa desse preparo. Nenhum professor precisa ser psicólogo, mas a gente tem que ter esse olhar, esse viés, porque o que a gente tenta fazer é enxergar o aluno sinais que demonstrem que ele está fora do perfil do grande grupo. Tentar agregar...

Este comentário em específico se referiu a treinamentos quanto à saúde mental do estudante, porém também discutimos sobre treinamentos diversos sobre o preparo pedagógico. O professor que não têm esse preparo pedagógico, não conseguirá ter acesso ao aluno e conseqüentemente, não conseguirá perceber os alunos. Isso se evidencia no relato a seguir:

ProfD: O professor precisa desse acompanhamento [da saúde mental] também. E eu acho que a gente não precisa pensar só no acadêmico. O que a gente pode pensar é em uma responsabilidade da instituição com o professor. Para que ele consiga identificar, para que ele consiga desestressar. Entendeu? Porque se o professor tiver tranquilo ele consegue atingir o aluno. O problema é que a gente não tem esse treinamento. Tem gente que entra aqui e vai para a sala de aula.

Vasconcelos (1998) apresenta que há pouca preocupação com a formação pedagógica dos docentes de graduação. Faz uma crítica à equipe docente ser compostas em sua maioria por mestres e doutores, porém sem preparo pedagógico. Em vista disso, como muitos professores se desresponsabilizam em relação ao aluno, como percebemos em relatos anteriores, Zuin (2003) enfatiza, propor esses temas não é garantia de que ele será discutido. Na fala a seguir, o professor de arquitetura demonstra a sua preocupação:

ProfA: Essa questão deve ser levada a sério, talvez pela instituição, talvez pelo próprio curso. Como eu te falei, tem professores que acham que a gente não tem nada a ver com isso. Eu não concordo. E isso ser colocado de uma maneira, isso está acontecendo e nós somos sim responsáveis por isso. E nós precisamos fazer alguma coisa a respeito e envolver todo mundo. Pensar, o que podemos fazer para melhorar? E começar a discutir, debater, sabe? E trazer essas discussões porque o que a gente tem percebido, o que eu falei para você, cada vez mais eu vejo que, com maior frequência a gente tem recebido com demanda dessa natureza.

A universidade é vista como a organização mais complexa de nossa sociedade e uma das mais importantes organizações sociais (Meyer Júnior, 2005). Em vista disso, ela causa um impacto grande nas vidas dos universitários e de toda a sociedade no geral. Se esse espaço com grandes impactos na sociedade não discute ou propõe medidas de saúde mental, que é uma grande questão de saúde pública, como podemos pensar e construir medidas com esse foco?

Os autores Adlaf et al. (2001) afirmam que se encontra maior taxa de sofrimento mental em jovens universitários do que em jovens da mesma idade que não estão cursando a universidade. Precisamos ter um olhar mais crítico sobre essa população de risco. Sabe-se que há muitas pessoas em sofrimento no ambiente universitário, o que podemos fazer em relação a isso? A fala a seguir apresenta uma possibilidade de resposta a minha pergunta:

ProfP: Também gostaria de ver um empenho maior institucional, mas isso não pode, aí estão dizendo da minha pessoa... Eu não posso também achar que eu vou invalidar o lugar que eu professor ocupo, sabe? (...) O professor tem um papel muito chave, eu acho, de ser promotor de saúde emocional e de evitar o adoecimento, de minimizar o adoecimento de acordo com a relação que ele vai estabelecer com o aluno. Eu realmente acredito nisso e eu trago muito dessa responsabilidade para nós, eu acho que a gente que ocupa esse espaço (...), concordo que seria melhor um posicionamento mais enfático, (...), acho que ainda nos cabe como professores promover esses espaços dialógicos mesmo, de troca, de promoção de saúde na instituição.

Quando estava escrevendo as perguntas da entrevista semiestruturada, a indignação da falta de posicionamento da Instituição Universidade me deixou angustiada. Como não fazem

nada? Como não perceberam o tamanho do sofrimento que se encontra neste ambiente? E ao realizar as entrevistas, eu apresentei toda essa minha indignação aos professores.

Após essas entrevistas, refletindo sobre elas, presenciei um momento e mudou o rumo dos meus pensamentos. Estava indo para uma palestra e no meio do caminho, dentro do Campus, um grupo de professores da psicologia estava cantando. Não resisti e fui assistir. Quando terminaram a música, os professores se sentaram perto dos alunos e começaram a conversar e contar como eles decidiram se juntar e criar uma banda para se apresentarem para a comunidade universitária. Esse momento se tornou um diálogo, no qual alunos e professores, mesmo que de cursos diferentes se aproximaram e dividiram as suas angústias, sentimentos, pensamentos sobre pesquisas, a academia, refletimos sobre a cultura, a música, a arte, enfim, um momento descontração e conexão.

Marinho-Araújo (2016) faz uma crítica à educação que apresenta uma visão equivocada voltada apenas para o aluno e que aspectos históricos sociopolíticos e culturais são desconsiderados. Esse momento com esses professores, apresenta esse olhar para a aproximação das pessoas por meio da arte, da música e que conseqüentemente, auxiliam na saúde mental do estudante universitário.

Esses professores que entrevistei, dos cursos de Direito, Psicologia e Arquitetura não esperaram uma posição institucional para tomar uma atitude diferenciada e com um olhar cuidadoso para os estudantes. Esses professores que se juntaram para formar uma banda para os alunos também não esperaram um posicionamento, apenas sentiram a necessidade e perceberam uma oportunidade. Na descrição abaixo, a professora de psicologia evidencia a importância dessas atitudes:

ProfP: É um espaço de convivência e eu acho que esses espaços de convivência e relações horizontalizadas são muito promotores de saúde emocional. A minha

percepção é que espaços como este, que facilitam diálogos entre alunos, entre alunos e professores, entre professores e professores, sem estarem diretamente ligados na relação professor-aluno acadêmica, facilita a promoção de saúde emocional, porque você ouve o outro, porque você vê que não está sozinha, você se identifica com o sentimento do outro, você é tocado pelo sofrimento do outro, você se sente acolhido, compreendido, aceito e isso é promotor de saúde emocional no ambiente acadêmico.

Santos (2011) apresenta a influência dos programas de promoção da saúde, que causam um impacto positivo no nível psicológico em conjunto com o nível físico do indivíduo.

Nesta Universidade, diante das demandas dos estudantes universitários, alunos da psicologia e uma professora especializada em saúde mental, em conjunto, ergueram um projeto de estágio com o objetivo de dar suporte as estudantes em sofrimento. Essa questão vai ao encontro do questionamento do Professor de Arquitetura.

ProfA: Nós não precisamos esperar chegar no insuportável para tomar uma atitude. Eu acho que isso que está acontecendo já é algo muito sério. Eu acho que já é sério o bastante para tomar uma atitude diferente. Se o que está sendo feito não é o suficiente, se quer um resultado diferente tem que fazer algo diferente. Precisa ser feito.

Os professores não tinham tanto conhecimento que este projeto estava ocorrendo, que eles podiam encaminhar e indicar esse espaço para os seus alunos. Esse projeto não tem relação com a Organização Universitária.

Percebi que não precisamos de um posicionamento organizacional para poder promover saúde mental nos estudantes, que podemos promover algumas ações com esse intuito, que o professor em sala de aula já pode promover essas ações, porém não podemos

negar que ter um suporte organizacional, um engajamento, os projetos teriam uma força maior de alcance nos universitários. A professora de psicologia exemplifica uma ação:

ProfP: É. Com o projeto [da professora de psicologia], por exemplo, não tem engajamento administrativo. Isso é ela [a professora da psicologia] que encabeça e depende muito mais do corpo dos professores com os estudantes, da relação professor-aluno, para fazer esse projeto funcionar, do que uma divulgação institucional, incentivo institucional... Não tem incentivo institucional para isso. Não tem. Não tem incentivo institucional para que participem [deste projeto de saúde mental], incentivo institucional para divulgação [deste projeto]...

De acordo com as literaturas apresentadas (Bardagi & Hutz, 2005; Veloso e Almeida, 2001; Bezerra, 2016; Azevedo, 2018), percebemos a necessidade e importância de haver programas de promoção a saúde no ambiente universitário, que estes podem diminuir a evasão escolar, reprovações, aumenta o engajamento do aluno, entre outras possibilidades que consequentemente, pensando por vias capitalistas, aumentarão o lucro da empresa. Por se tratar de uma Universidade Particular, sabemos que a questão financeira apresenta um impacto importante, porém também é visível que proporcionar esses projetos aos alunos, beneficiará a organização.

Considerações finais

O presente estudo possibilitou compreender a percepção do professor sobre a saúde mental no contexto universitário. Por meio das entrevistas e do registro de minhas percepções no diário de campo, foi possível identificar que está começando um movimento de preocupações e ações com foco em intervir no aumento do adoecimento psíquico na universidade.

Foi possível perceber na entrevista, a contradição que a universidade apresenta e o quanto se repercute nos professores e em toda a universidade. Também foi possível identificar o quanto os aspectos sociais interferem neste processo e a desresponsabilização que a Universidade apresenta quanto ao aluno.

Foi discutido como se perpassa as relações de poder na universidade e o quanto elas podem ser abusivas. Porém, foi possível notar que os professores entrevistados apresentam um posicionamento diferente. A relação que têm com os alunos perpassa essa relação de poder, entretanto não são abusivas, pelo contrário, são compreensivas e percebidas como diferenciais neste espaço acadêmico.

Por fim, apesar da falta de iniciativa da Instituição de propor medidas voltadas à saúde mental do estudante universitário, foi possível identificar ações e medidas de suporte a esses alunos nesta Universidade.

A partir de todas essas reflexões, percebendo a importância de discutir essa temática, nota-se a importância da realização de mais estudos relacionados à universidade e à saúde mental neste contexto, abrindo espaços para construção de conhecimentos, intervenções e ações com a finalidade de diminuir esse adoecimento.

Referências

- Adlaf, E. M., Gliksman, L., Demers, A. & Newton-Taylor, B. (2001). The prevalence of elevated psychological distress among Canadian undergraduates: findings from the 1998 Canadian Campus Survey. *Journal of American College Health*, 50(2):67-72.
- Altoé, S. (2004). René Lourau: analista institucional em tempo integral. *São Paulo: Hucitec*.
- Azevedo, R. L. (2018). *De quem é a universidade? Um estudo sobre a relação de poder na interação aluno-professor* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.
- Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2005). Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. *Psicologia Revista*, 14(2), 279-301.
- Baremblytt, G. F. (2002/1992). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Bezerra, C. G. (2016). A experiência de sofrimento em estudantes de Ciências e Tecnologia da UFRN sob o enfoque fenomenológico-existencial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.
- Cerchiari, E. A. N., Caetano, D., & Faccenda, O. (2005). Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia (Natal)*.
- Cerchiari, E. A. N. (2004). Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP.

- de Assis, A. D., & de Oliveira, A. G. B. (2010). Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, 2(4-5), 163-182.
- Dias Sobrinho, J. (2005). Educação superior, globalização e democratização: qual universidade? *Revista Brasileira de Educação*, (28), 164-173. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000100014>
- Fávero, M. (2004). Autonomia e poder na universidade: impasses e desafios. *Perspectiva*, 22(1), 197-226. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>
- Flick, U. (2004). *Introdução à pesquisa qualitativa-2*. Artmed editora.
- Foucault, M. (2004) [1979]. *A Microfísica do poder* (23ª ed.). São Paulo: Graal.
- Foucault, M (2006). *Estratégia, poder-saber* (2ª ed.). Organização de M.B. Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis – FONAPRACE (2018). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES*. Brasília: Andifes.
- Gomes, R. (2009). Análise e interpretação dos dados de pesquisa qualitativa. Em Minayo, M. C. S. (Org.), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Rio de Janeiro: Vozes.
- Marinho-Araújo, C. M. (2016). Inovações em Psicologia Escolar: o contexto da educação superior. *Estudos de Psicologia*, 33(2), 199-211.
- Meyer Júnior, V. (2005). Planejamento universitário: ato racional, político ou simbólico-um estudo de universidades brasileiras. *Revista Alcance*, 12(3).

- Morin, E. (1997). Imaginários da educação: por uma reforma da Universidade e do pensamento. *Revista Famecos*, 4(6), 17-20.
- Morin, E. (2001). Os desafios da complexidade. *Morin E, organizador. A religação dos saberes. O desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 559-67.*
- Neves, M. C. C., & Dalgalarrodo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de psiquiatria.*
- Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. D. (2015). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade – Porto Alegre: Sulina.
- Prado Filho, K., & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, (38), 45-59.
- Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 166-173.
- Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, 5(1), 156-181.
- Santos, M. L. R. R. (2011). Saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários.
- Sobrinho, J. D. (2010). Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. *Educação & Sociedade*, 31(113), 1223-1245.
- Vasconcelos, M. L. M. C. (1998) Contribuindo para a formação de professores universitários: relatos de experiências. In: MASETTO, Marcos (org.). *Docência na Universidade.* Campinas, SP: Papyrus, p. 77-94.

- Veloso, T. C. M., & de Almeida, E. P. (2001). Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato grosso, Campus Universitário de Cuiabá—um processo de exclusão. *Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, (13).
- Zuin, A. A. (2003). Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. *Educação & Sociedade*, 24(83), 417-427.
- World Health Organization. (2007). *International travel and health: situation as on 1 january 2007*. World Health Organization.

Anexo

Anexo A – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vivência professor relacionada a saúde mental no contexto universitário.

Instituição dos (as) pesquisadores (as): Centro Universitário de Brasília

Pesquisador (a) responsável, professor (a) orientador (a), graduado (a): Leonardo Mello

Pesquisador (a) assistente, aluno (a) de graduação: Hana Ferreira Ponte

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender a visão do professor sobre saúde mental, analisar a percepção do professor sobre suas práticas dentro de sala e compreender as relações de poder professor-aluno diante da saúde mental do estudante.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser professor da universidade.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de conversas informais e/ou entrevistas semiestruturadas, que serão gravadas, se permitido.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em um ambiente proposto pelo participante e que seja conveniente para a pesquisadora, no espaço da Universidade.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes do procedimento de resolução de problemas.
- Não serão necessárias medidas preventivas durante o experimento para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-

lo ou recorrer ao Centro de Formação do UniCEUB (CENFOR), para que possa realizar atendimentos psicológicos gratuitos.

- Com sua participação nesta pesquisa poderá aumentar um maior conhecimento sobre a saúde mental do estudante universitário.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os instrumentos utilizados (entrevista semiestruturada) ficarão guardados sob a responsabilidade da graduanda Hana Ferreira Ponte com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de ____.

Participante

Leonardo Cavalcante de Araújo Mello, e-mail: leonardo.mello@ceub.edu.b

Hana Ferreira Ponte, email: hana.fp@hotmail.com, telefone: (61) 99116-7015

Anexo B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

1. Como você entende a universidade?
2. Qual a função da Universidade?
3. Atualmente mais pessoas recorrem a universidade. Como você percebe isso?
(influência social)
4. Você percebe essa instituição como um espaço adoecedor? Se sim, por quê?
5. Como é a sua relação com os alunos?
6. Você consegue perceber quando um aluno está mal? Se sim, o que você faz?
7. O que você entende de saúde mental do estudante?
8. Você realiza algum tipo de encaminhamento para os seus alunos?

